

Bom dia, sou Naiara Luísa Hammes, tenho 16 anos, represento o segundo ano do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Cristo Rei e, hoje, estou aqui nesta banca, diante dos senhores jurados, direção deste educandário e demais estudantes e pessoas aqui presentes para proferir sobre o tema posto em pauta: a responsabilidade no uso das ferramentas tecnológicas.

Atualmente, é raro nos depararmos com indivíduos, principalmente dos 12 aos 25 anos, que não apresentem algum sintoma de vício ou dependência aos meios de comunicação, o que os faz muitas vezes esquecer que o mundo virtual faz parte do mundo real, e não um mundo paralelo, levando muitos a tomarem atitudes impulsivas, não refletirem sobre o que estão escrevendo e como estão se expondo. De que adianta erguer muros em torno de sua casa, viver cercados de alarmes e dispositivos de segurança se deixamos livre o acesso à vida pessoal nas redes sociais? Até que ponto vale a pena se expor?

Mais do que apenas se expor, estamos nos auto prejudicando moralmente. Não há mais ética presente nessa “sociedade virtual”, o que reflete diretamente e diariamente na vida profissional de cada indivíduo que faz uso dessa ferramenta. Basta curtir, comentar ou compartilhar sobre algum tema, ou alguma fotografia, que pode ser sua ou até denigrir a imagem do próximo, podem tomar proporções alarmantes, o que ocorre principalmente com adolescentes e jovens do sexo feminino. Estas, inocentemente, são induzidas a enviar fotos íntimas por e para rapazes mais velhos, iludindo-as com promessas românticas. Quando estas tomam ciência do que fizeram, já é tarde. As fotos já foram compartilhadas com milhares de pessoas, e não há mais como reverter a situação, e a garota passa a ser humilhada socialmente.

Mas e nós, que tanto julgamos essas garotas, não seriam elas vítimas inocentes de uma ferramenta tecnológica? Pois, foi através do uso da rede social, independente de qual tenha sido, que ela foi instigada e expôs sua intimidade. Muitos pais e demais familiares se lamentam por seus filhos terem tido sua imagem comprometida dessa forma nas redes sociais, o que reflete diretamente em seu convívio social, mas estes teriam se preocupado e tomado precauções para orientar os mesmos referente à o que compartilham? Não se trata de proibir, mas sim, conscientizar de forma efetiva. É imprescindível ter um limite, mas difícil mesmo é nós jovens “abrirmos a cabeça” e escutarmos o que nossos pais caretas tem para falar sobre isso, afinal, já nascemos com toda essa tecnologia, e eles viveram grande parte de sua vida em um mundo analógico, mas nem por isso se divertiram menos ou possuíam um menor número de amizades, justamente pelo contrário.

Não precisamos estar o tempo todo conectados, atualizando nossos status e fotos, curtindo e compartilhando tudo que faz algum remoto sentido para nós, ou para a pessoa que muitas vezes tentamos transmitir ser nesse meio. O mundo fora desse aparelho espera muito de você, e guarda inúmeras oportunidades e recompensas que valem a pena ser vividas e buscadas. Carinho, afeto, um abraço ou um aperto de mão amigo e sincero, por mais simples que possa parecer, representa muito quando este é recíproco. Não deixemos de lado a simplicidade das coisas, o jeito bom de levar a vida e as cicatrizes que ficam para contar histórias. Algum dia, a bateria do seu celular vai acabar, no entanto você pode recarregá-lo e continuar usufruindo dele, tirando fotos e respondendo conversas, o que

passamos a fazer grande parte do nosso tempo. Mas e quando a sua “bateria” acabar, qual será a solução para algo que foi deixado para depois em função de um aparelho?